

MÚSICA BRASILEIRA, por Mário de Andrade¹ (continuação)

Outra prova de que o canto socializado rareia no Brasil é a nossa falta de cantigas históricas. E quando aparecem, que nem o “Ai, seu Mé” ou “Garibaldi foi na Missa” e podia citar um poder de outras assim, no geral são sátiras ou louvações individuais e morrem com as pessoas a quem eram dirigidas. As nossas revoluções não dão canto não. Somos revoltosos sem voz, como já falei uma feita. Não possuímos hinos nem de classes nem significativos de ideias nem políticas nem sociais nem raciais. O Hino da Independência é ignorado pelo povo. O Hino Nacional foi uma música de que se modificou inteiramente a letra, prova cabal da nossa insociabilidade musical porque nesse gênero de música interessada e social, o que importa é justamente o texto que diz o que a gente sonha e quer, não a música que é apenas a ritmadora e excitadora da expressão ideológica coletiva.

Nossa revolução de 1924 não deu quase nada pra gente cansar sonhando. Mas pela Bolívia e Paraguai já corre cantada uma melodia em que vem uma quadrinha deliciosa sobre Luís Carlos Prestes. É assim:

General Prestes es de ouro,
Sus soldados son de plata,
Y las tropas del Gobierno
Todas ellas son de lata.

Estes versos aliás não passam duma deformação política de quadra sexual creio que bem espalhada entre os hispano-americanos pois que a desentoquei no México, registrada por Rubén Campos no *Folklore y la musica Mexicana* (México, 1928, p. 147) cantando assim:

Las muchachas son de oro,
Las casadas son de plata,
Las vindas son de cobre,
Las viejas de hoja de lata.

São comoventes bem e por vezes misteriosas essas viagens de textos e de cantos mundo fora. Quem que os levou? Ninguém não pode explicar, às vezes.

¹ Série de quatro artigos publicados por Mário de Andrade no jornal natalense *A República*, no ano de 1928. No estabelecimento de texto para esta edição a ortografia foi atualizada, no entanto, mantém-se a pontuação da publicação original. Todas as notas foram elaboradas pelo editor da revista *Imburana*. Os quatro artigos estão contidos parcialmente no texto “Música brasileira (Palestra, com coros pelo Orpheon Piracicabano, recitada na Cultura Artística de Piracicaba)” - *Diário Nacional*, São Paulo, 28 jun. 1928.

Seguiram guardados na concha das velas, na poeira das botas viageiras, e pararam numa terra estranha igualando os homens do mundo maciamente numa cantiga ou numa história temível. Silvio Romero registra nos *Cantos Populares do Brasil* uma estrofe do Sergipe que fui encontrar cantada agora numa moda linda do Rio Grande do Sul:

Noite escura, noite escura,
 Prenda minha,
 Toda a noite me atentou;
 Quando foi de madrugada,
 Prenda minha
 Foi-se embora e me deixou!

O ano passado no fundão da Amazônia, num lugarejo chamado Caiçara, morado por uns duzentos tapuios quando mais, colhi cantando na maravilha da noite um canto brasileiro celebrando a morte do carão. Pois vinha nele, desnorteante, uma frase musical escandinava que se repete cheia de neve na melodia norueguesa da *Sven i Rosengard*. Viagens... Mistério de brotar por si tudo, feito semente que passarinho derrubou do bico...

Onde a alma brasileira se socializa um bocado mais é no canto religioso. Toda a gente conhece o “Neste mês de Maria, tão lindo mês de flores” o “Coração Santo, tu reinarás” aparecido em 99 por causa da encíclica de Leão XIII instituindo o jubileu do Coração de Jesus. Mas no geral esses cantos como a religião católica de que vieram, são desprovidas de caráter étnico. Já nas manifestações de religiosidade supersticiosa a raça aparece mais. Nosso padim pade Ciço dá origem a verdadeiras romarias pro Joazeiro. Os romeiros muitas feitas cantam religiosidades excitantes pra disfarçar o pé fatigado. Posso um desses canto lindíssimo como melodia, cujo texto um bocado erudito vale a pena citar:

A igreja do Horto
 É feita de pedra,
 Tem mais de mil cedra (cedula)
 No pé do Cruzeiro,

Nosso Pai verdadeiro
 Esse ninguém vê,
 Eu só quero sabê
 Onde é Joazeiro.

Eu vi o Sol tremê!
 Eu vi a Lua alumiano,
 Irmã do planeta Urano,

Prima do vento Sulão.

As romarias, as marchas dão origem a fórmulas rítmico-melódicas de muita importância étnica às vezes. Tenho colhido algumas dessas dinamogenias marciais de romeiros e moleques. Mas onde o canto coletivo parece ter importância mesmo é entre os afro-americanos feiticeiros. Nas macumbas e pajelanças, aparecem cantos sociais lindíssimos.

O professor Querino² registrou alguns desses cantos nos Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. O grande compositor Villa Lobos e Jaime Ovalle³, outro compositor que vai aparecer muito bem, registraram alguns do Rio, a reza de Xangô, a reza do Sol e outros.

E aqui aparece uma maneira curiosa de fazer conjunto musical. O flautista Pixinguinha⁴ foi macumbeiro sarado no Rio. Era o ogã, tocador de tabaque, num terreiro qualquer. Pois me contou que quando o santo entra no corpo do “Cavalo de Santo” como se diz, sucede às vezes que a babalaô puxa um canto novo, às vezes difícilíssimo e de que o ogã tem de adivinhar o ritmo pra acompanhar no instrumento. Nosso jeito de cantar junto, mostra analogia com esse processo. Em geral não forma coro propriamente e se limita a uma simples repetição acompanhante em uníssono, oitava em falso-bordão de terças e sextas. Porém a habilidade em fazer isso espanta a gente. Tive ocasião de estudar um bocado um grupo de cantadores baianos que pelo sertão tinham vindo parar numa fazenda paulista. Eram gente brutíssima como cerebração e embora estivessem com a língua solta, bem meus camaradas por causa do meu jeito e do quentão, não tirei quase nenhuma informação deles.

A República, Natal-RN, 07 ago. 1928, p. 01

² Manuel Raimundo Querino (1851-1923) foi aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes, pintor, escritor, líder abolicionista. Publicou *A raça africana e os seus costumes na Bahia*, nos Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia, Salvador, 1916.

³ Heitor Villa-Lobos (1887-1959), maestro e compositor expoente da música do modernismo no Brasil, tendo participado da Semana de Arte Moderna de 1922, compôs obras com nuances das culturas regionais e com os elementos de canções populares e indígenas. Fundou, em 1945, a Academia Brasileira de Música.

Jayme Rojas de Aragón y Ovalle (1894-1955), compositor e poeta, valorizou a música popular. Em 1914, passou a residir no Rio de Janeiro e, entre os anos de 1920 e 1930, conviveu com Villa-Lobos e com sambistas como Pixinguinha. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Música.

⁴ Alfredo da Rocha Vianna Filho – Pixinguinha (1897-1973), maestro, flautista, saxofonista, compositor e arranjador, considerado um dos maiores compositores da música popular brasileira, contribuiu para a fixação da forma musical do gênero choro.